



***PEDAGOGIAS ARMAMENTISTAS E MASCULINIDADES INFANTIS EM  
CENÁRIOS NEOCONSERVADORES BOLSONARISTAS NO BRASIL:  
ENQUADRAMENTOS E SENTIDOS***

***PEDAGOGÍAS ARMAMENTISTAS Y MASCULINIDADES INFANTILES  
EN ESCENARIOS NEOCONSERVADORES BOLSONARISTAS EN BRASIL:  
ENCUADRES Y SENTIDOS***

***MILITARIZED PEDAGOGIES AND CHILDHOOD MASCULINITIES IN  
BOLSONARO'S NEOCONSERVATIVE CONTEXTS IN BRAZIL: FRAMINGS  
AND MEANINGS***

*Edimauro Matheus Carriel Ramos<sup>1</sup>*

*Jamil Cabral Sierra<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Este artigo trata das pedagogias armamentistas e da produção de masculinidades infantis em cenários neoconservadores bolsonaristas. Nesse contexto político, representações e discursividades sobre masculinidades, infâncias e suas relações com a violência foram reiteradas por diversos elementos da esfera da violência, sendo a arma um aspecto recorrente nas enunciações produzidas e veiculadas por essa lógica neoconservadora. Para o mapeamento das discursividades sobre masculinidades, infâncias e pedagogias armamentistas, a pesquisa segue o percurso metodológico documental, com enfoque em artefatos imagéticos de meninos posicionados em contextos armamentistas no recorte temporal de 2018 a 2022. A ferramenta teórico-analítica adotada para a leitura das imagens foi a noção de enquadramento proposta por Judith Butler. Os enquadramentos imagéticos analisados possibilitam problematizar as pedagogias armamentistas às quais os meninos são expostos e nas quais são posicionados, reforçando que a arma sustenta um ideal de masculinidade que dialoga com os pressupostos políticos e identitários do neoconservadorismo bolsonarista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bolsonarismo. Masculinidades. Infâncias. Armas.

**RESUMEN**

Este artículo trata sobre las pedagogías armamentistas y la producción de masculinidades infantiles en escenarios neoconservadores bolsonaristas asociados con Jair Bolsonaro, ex-presidente de Brasil. En este contexto político, representaciones y discursividades sobre

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, Paraná, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, Paraná, Brasil.

masculinidades, infâncias y sus relaciones con la violencia fueron reiteradas por diversos elementos del ámbito de la violencia, siendo el arma un aspecto recorrente en las enunciaciões producidas y difundidas por esta lógica neoconservadora. Para el mapeo de las discursividades sobre masculinidades, infâncias y pedagogías armamentistas, la investigación sigue un recorrido metodológico documental, con enfoque en artefactos de imagen de niños posicionados en contextos armamentistas en el recorte temporal de 2018 a 2022. La herramienta teórico-analítica adoptada para la lectura de las imágenes fue la noción de encuadre propuesta por Judith Butler. Los encuadres de imágenes analizadas permiten problematizar las pedagogías armamentistas a las que los niños son expuestos y en las que son posicionados, reforzando que el arma sostiene un ideal de masculinidad que dialoga con los supuestos políticos e identitarios del neoconservadurismo bolsonarista de Jair Bolsonaro.

**PALABRAS CLAVE:** Bolsonarismo. Masculinidades. Infâncias. Armas.

## ABSTRACT

This article addresses militarized pedagogies and the production of childhood masculinities within Bolsonaro's neoconservative context in Brazil. In this political setting, representations and discursivities on masculinities, childhood, and their relations with violence were reiterated through various elements of the sphere of violence, with the weapon emerging as a recurring aspect in the enunciations produced and disseminated by this neoconservative logic. To map the discursivities on masculinities, childhoods, and militarized pedagogies, the research follows a documentary methodological approach, focusing on visual artifacts of boys positioned in militarized contexts between 2018 and 2022. The theoretical-analytical tool adopted for reading the images was the notion of framing proposed by Judith Butler. The analysis of the visual framings allows for problematizing the militarized pedagogies to which boys are exposed and within which they are positioned, reinforcing that the weapon sustains an ideal of masculinity aligned with the political and identity assumptions of Bolsonaro's neoconservatism.

**KEYWORDS:** Bolsonarism. Masculinities. Childhood. Guns.

\* \* \*

*Brinquei de revólver de espoleta, polícia e ladrão, assistir (sic) Rambo, meus pais sempre tiveram arma em casa e sempre respeitei a todos que me respeitaram. Não permita que retirem a masculinidade das futuras gerações, isso sim é anti-natural (sic) (Eduardo Bolsonaro, 2021)*

## Introdução

No interior do campo teórico dos Estudos Feministas e de Gênero, a ampliação teórica das masculinidades tem sido problematizada de maneira a compreender os diferentes meios, tempos, espaços e sujeitos nos quais o masculino é constituído. Nesse sentido, compreender como as masculinidades se constituem é também compreender o lugar do masculino nas relações de gênero (Raewyn Connell, 1995), sobretudo quando as masculinidades rompem com a masculinidade hegemônica (Raewyn Connell; James

Messerschmidt, 2013), cuja lógica é a representação de uma masculinidade predominantemente branca, cis-heterossexual, viril e associada à força.

Interseccionais, interpeladas por dinâmicas que englobam diferentes marcadores sociais que estabelecem posições de sujeito (Kimberlé Crenshaw, 2002), as masculinidades são interpeladas não apenas por normas de gênero que esquadriham possibilidades de uma masculinidade não hegemônica, mas também atravessadas por outros marcadores, como raça, etnia, classe, sexualidade, geração, entre outros. Se não há uma lente única para compreender a dinamicidade das masculinidades, tampouco é possível compreender o delineamento de uma masculinidade absoluta, isto é, uma masculinidade que desconsidere a geração e a idade.

A partir deste tensionamento, olhamos especificamente para as dinâmicas que delineiam e constituem as masculinidades na infância. Estudos críticos produzidos no grande território da Sociologia da Infância compreendem a infância como uma categoria que vai além de marcadores físicos, fisiológicos e etários, pois é volátil e construída socialmente (Alan Prout; Allison James, 1990). Se os modos como as crianças se comportam, se expressam e dizem são produzidos pelos desejos da adultez no que diz respeito às suas constituições de gênero (Jane Felipe; Alexandre Bello, 2010), há uma urgência epistemológica em pensar as concepções teóricas de infância e de criança que se desvencilhem de ideais que as pasteurizam, classificam e normatizam (Anete Abramowicz; Fabiana de Oliveira, 2010), especificamente se considerarmos os aspectos relacionados aos agentes, meios e espaços que mediam e produzem suas masculinidades.

Isso posto, inicialmente, pretendemos nos debruçar nas pedagogias de produção que fabricam masculinidades desde a infância, mas mirando em um contexto pedagógico-político-social-cultural específico e significativo (em muitas dimensões) da nossa história como sociedade brasileira: o contexto neoconservador bolsonarista. Neste panorama, as estratégias políticas neoconservadoras, orquestradas pela lógica bolsonarista, foram explicitamente motivadas pelas paradoxais tentativas de deslocar as questões de gênero e sexualidade da arena política, mas que, ao mesmo tempo, eram centralizadas em suas expressões e discursos (Edimauro Ramos, 2024). Para endossar discursividades antigênero e a favor de um modelo de infância específico, a lógica neoconservadora bolsonarista lançou mão de meios difusores de uma masculinidade falocrática e viril, para ostentar força, potência e autoridade (João Silvério Trevisan, 2021) tendo o armamento como um dos elementos basilares para essas idealizações.

É nesse cenário, em que a arma ganha centralidade e protagonismo, que posicionamos as discussões sobre a produção das masculinidades infantis em enunciações neoconservadoras bolsonaristas, uma vez que crianças foram usadas como vetores de premissas viris, violentas e armamentistas. Crianças portando réplicas de armas, fardadas e levadas a eventos de celebração de um plano político catastrófico foram expostas a um modelo de masculinidade hiperviril, saudosista e que cultua uma figura masculina autoritária e militaresca.

Com isto, o objetivo deste artigo é explorar a constituição de masculinidades infantis, suas pedagogias e seus sentidos no contexto neoconservador bolsonarista através de imagens de meninos e suas relações com as armas, publicadas em portais de notícias entre 2018 e 2022. Para tanto, mobiliza-se o arcabouço pós-estruturalista de gênero, sexualidade, masculinidades e infâncias, fazendo-o a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental. Para analisar os artefatos imagéticos, o instrumento analítico acionado foi a noção de enquadramento de Judith Butler (2015), de modo a tensionar o que (não) está sendo evocado nas fotografias.

### **Neoconservadorismo, bolsonarismo e masculinidades infantis: notas teóricas**

A ascensão do bolsonarismo na seara política – antes mesmo da chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República – marca o recrudescimento de uma nefasta e neoconservadora disputa em que os gêneros, sexualidades e corpos foram alvos de ataques para culminar em uma ideologia masculinista, declaradamente difusora de discursos fundamentalistas, racistas, lgbtfóbicos e contra os direitos conquistados pelas dissidências sexuais e de gênero (Jamil Cabral Sierra, 2019). Mais do que atacar essas dissidências, o Brasil foi exposto às ostentações bélicas, falocráticas, armamentistas e negacionistas, orquestradas por uma lógica neoconservadora que não mediu esforços para se constituir como protagonista na produção de masculinidades infantis.

Um protótipo masculinista de encarar e fazer política inspirou fortemente a forma com que o bolsonarismo performaria a masculinidade. O bolsonarismo é caracterizado como um processo em curso, que flutua “numa tensão constante entre o passado e o futuro: o passado da Ditadura Militar idealizado e o futuro de uma revolução fascista” (Karl Silva; Francisco Schurster, 2022, p. 295). Rizomático e não linear, o bolsonarismo reverbera (ainda) uma figura masculina imperiosa, viril e armamentista que robustece os discursos neoconservadores.

Em voga desde a efervescência do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2016, percorrendo as vociferações públicas e tentativas de aniquilamento dos termos e identidades de gênero e sexualidade nos planos municipais, estaduais e nacionais de educação nos anos seguintes, passando também pelas narrativas da “ideologia de gênero”, do kit gay e do Movimento Escola Sem Partido (MESP), os arautos neoconservadores, baseados no fundamentalismo religioso, produziram sentidos de inteligibilidade sobre essas identidades (Ramos, 2024).

Anos adiante, entre 2018 e 2022, mais precisamente, as investidas neoconservadoras bolsonaristas ganham os holofotes em um espetáculo conduzido por figuras ligadas ao então presidente, em meio a uma pandemia sem precedentes. O cenário da COVID-19 acentuou ainda mais as desigualdades sociais e a taxa de mortalidade pela contaminação do vírus: o negacionismo e a desqualificação das normas de distanciamento e quarentena foram algumas das respostas que ganharam espaço nesse contexto neoconservador bolsonarista. Nesse espaço-tempo, a demarcação discursiva sobre gênero e sexualidade também foi ampliada por intermédio de disseminações de sentidos de masculinidade viril, assim como o que se pensava ser uma masculinidade ideal para os meninos (Ramos, 2024).

Fosse em carreatas, motociatas ou eventos oficiais promovidos por Bolsonaro e/ou por bolsonaristas, era constante a presença de crianças que frequentavam esses espaços. Fardadas e portando protótipos de armas que se assemelhavam a armas reais, as crianças eram expostas a um currículo, a um script e a uma pedagogia de masculinidade embasados na violência, na truculência e em superlativos que colocavam a figura do masculino em evidência a partir de enunciações que educam modos de ser/estar no mundo (Rosa Maria Bueno Fischer, 2002). No campo teórico dos Estudos Culturais, é possível argumentar que as masculinidades infantis são organizadas, delineadas e educadas por mecanismos que delimitam referenciais para as crianças (Ramos, 2024), possibilitando compreender que as mobilizações discursivas que as moldam não possuem uma verdade absoluta, mas estão inseridas em um contexto histórico (Michel Foucault, 2008).

O adultocentrismo, isto é, a postulação da figura do adulto na mediação e controle das infâncias (Fúlvia Rosemberg, 1976), conceito amplamente discutido no grande campo da Sociologia da Infância, é primordial para pensarmos na subjetivação das infâncias – seus gêneros, sexualidades, classes, raças e etnias – no espaço-tempo neoconservador bolsonarista, visto que os sustentáculos militaristas, juntamente com as formas

autoritárias de poder, são componentes que marcam o governo Bolsonaro (Alexandre Bortolini, 2021).

Dessa forma, ao olhar estritamente para pedagogias e currículos voltados para a produção de masculinidades infantis no cerne neoconservador bolsonarista, nota-se o constante "reforço das disposições normativas de gênero e sexualidade, um componente essencial das investidas reacionárias dos últimos anos" (Bortolini, 2021, p. 95). Neste sentido, quando nos referimos neste artigo ao campo das masculinidades infantis, aludimos às formas de produção da masculinidade desde tenra idade que, no contexto político elencado, foram reatualizadas e supervalorizadas pelo carro-chefe armamentista.

### **Aspectos teóricos-metodológicos**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental (Antônio Carlos Gil, 2008). A investigação documental teve como enfoque mapear artefatos imagéticos publicados e compartilhados em portais de notícias entre o período de 2018 e 2022, referentes a meninos. A escolha do recorte temporal abrange o período da posse de Jair Bolsonaro em 2018 até os ataques antidemocráticos resultantes da não reeleição do mesmo em 2022. As palavras-chave e expressões usadas para a localização das imagens desejadas foram: “Bolsonaristas, Bolsonaro, meninos”; “crianças, armas, bolsonarista”; Bolsonaro; e “masculinidades, meninos, bolsonaristas, Bolsonaro”.

Ao pesquisar os termos/expressões no Google Notícias e no Google Imagens, portais de notícias como a Folha de São Paulo, Estadão, O Globo e Estado de Minas apresentaram manchetes com o enfoque analítico estipulado. Ao clicar nas notícias, foi possível ler a reportagem na íntegra e também visualizar as imagens. O critério de seleção das imagens que compõem a análise foi dar prioridade para: 1) imagens de meninos com armas ou símbolos que remetam à arma; 2) imagens vinculadas à figura de Jair Bolsonaro ou a qualquer figura bolsonarista. Imagens que não atenderam aos critérios foram desconsideradas.

Nesta pesquisa, a imagem assume centralidade, uma vez que é a partir dela que é possível pensar nos enquadramentos e nas variáveis formas de como as realidades são capturadas, delimitadas e representadas nas imagens (Butler, 2015), ainda mais quando se trata dos marcadores sociais de diferença, como gênero e sexualidade, dentre outros. No entanto, as fotografias que compõem o corpo da notícia trazem retratos de crianças e, na maioria delas, os rostos das crianças não estavam borrados, esbarrando na dimensão ética da pesquisa que envolve crianças.



Assim, é correto afirmar que as fotografias publicizadas são de domínio público, mas, ao mesmo tempo, é ilógico e paradoxal reexpor os rostos dos meninos neste estudo, pois foram posicionados nesses contextos. Isso posto, a dimensão ética adotada aqui é borrar o rosto das crianças, de modo a não compactuar com a reexposição das mesmas nesses cenários violentos que, inconstitucionalmente, vão contra as premissas de proteção e cuidado da infância, as quais foram impetuosamente ignoradas pelo projeto político-ideológico de degradação bolsonarista.

### **Masculinidades infantis e pedagogias armamentistas: enquadramentos e sentidos**

Butler interpreta que, quando um quadro – uma moldura imagética – é emoldurado, diversas maneiras e formas de ampliar e intervir na imagem podem estar em jogo (Butler, 2015). A filósofa ainda discorre que “[...] uma determinada maneira de organizar e apresentar uma ação leva a uma conclusão interpretativa acerca da própria ação” (p. 23), e questionar suas molduras e enquadramentos significa evidenciar que a cena capturada nunca conteve de fato o que pretendia ilustrar, bem como explicitar os transbordos para fora do quadro que o enquadramento tenta determinar como reconhecível e possível (Butler, 2015).

Em tempos de guerra, o que atravessa o enquadramento com sentido imagético já delineado conflita e incomoda nosso senso de realidade; isto é, não se ajusta às lentes com as quais o compreendemos. O que escapa do controle do enquadramento “é precisamente o que escapa ao contexto que enquadra o acontecimento, a imagem, o texto da guerra” (Butler, 2015, p. 25). Portanto, a linha tênue entre o que um enquadramento esquadrinha e o que ele mesmo rompe está condicionada à temporalidade e à espacialidade de suas variabilidades, isto é, do seu meio constitutivo e contextual.

Mesmo que o enquadramento funcione de forma normativa, ele também pode, a depender do seu modo de circulação, colocar determinados campos normativos em evidência (Butler, 2015). Com isto, a intensificação das possibilidades disruptivas do que está sendo representado e o estabelecimento de linhas críticas acerca das discursividades enunciadas a partir do contexto político neoconservador bolsonarista caracterizam o caminho teórico-analítico em que as imagens a seguir foram, por fim, “enquadradas”.

O primeiro artefato imagético analisado é proveniente de uma convenção pró-Bolsonaro que aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 22 de julho de 2018. O evento foi

marcado pela presença de apoiadores e apoiadoras, que também levaram crianças para comemorar a candidatura do então elegível candidato. No retrato em questão, o menino reproduz o emblemático símbolo da “arminha” com os polegares e indicadores.

**FIGURA 1:** Criança faz arma com as mãos em convenção de Bolsonaro (2018)



**Fonte:** <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/em-convencao-de-bolsonaro-crianca-simula-armas-com-as-maos.shtml>

O referido enquadramento exalta a valorização e a autoafirmação masculina de uma masculinidade devidamente armada, e a extensão metafórica que a arma carrega também reflete um fio condutor: a flexibilização do acesso às armas e a ideia do “cidadão de bem”. A mimética arma reproduzida pelas mãos passou a ser copiada incansavelmente por eleitores e eleitoras, os quais demonstravam muito mais do que apenas um alinhamento com os pressupostos armamentistas, mas também a reiteração de uma ideologia hiperviril de masculinidade (Ramos, 2024).

Trevisan (2021) reflete sobre a demarcação masculina nas sociedades patriarcais e discorre que há a insistência de demarcá-la através de competições, guerras e violências, bem como por símbolos como armas protuberantes e obeliscos. Uma masculinidade saudosista e mítica, tal qual a desempenhada e performada por Bolsonaro e também por muitas outras figuras ligadas ao seu governo, cultua uma hegemonia masculina que viriliza a política.

Fernando Seffner explica que, na disputada arena política, não basta apenas ser um homem branco e declaradamente heterossexual, católico, casado e que ocupa um cargo político. É neste ponto que a virilização da política tenta fazer da grande política um



espaço de performances públicas masculinas que acentuam comportamentos viris, misóginos e fascistas, que não são meramente triviais, mas são elementos estruturantes, uma vez que as “decisões e estratégias políticas são profundamente generificadas” (Seffner, 2022, p. 247).

Mas, quando se trata de uma criança, de um menino posicionado no enquadramento, quais pedagogias e currículos de masculinidades podem ser vislumbradas e postas em discussão? Desde muito pequenas, as crianças passam por processos que constituem suas masculinidades e feminilidades e, no caso das masculinidades, características culturais demarcadas pela violência, o uso do corpo e da arma para defesa são alguns dos scripts de gênero direcionados especialmente aos meninos. Esses scripts de gênero, segundo Felipe (2019), funcionam com o objetivo de prescrever ações e regulações a partir de expectativas sociais e históricas em torno dos corpos masculinos e femininos.

Quando se trata dos meninos e meninas, Jéssica Moraes e Jane Felipe dissertam que tais prescrições

trazem consigo inúmeras regulações que incidem sobre as ações, escolhas e brincadeiras das crianças, uma vez que determinados scripts são acionados desde a mais tenra idade, na tentativa de formatar os corpos de acordo com ideais cis-heteronormativos que se pretendem hegemônicos (2024, p. 3).

Esses scripts de gênero dispõem de normas e definições que nem sempre são negociáveis, visto que, nesta sociedade que se declara hegemônica, há a insistência na imposição de sanções e discriminações aos e às que rompem, modificam ou escrevem os próprios scripts (Jane Felipe; Bianca Guizzo, 2017). Artefatos também entram no rol de elementos que constituem a masculinidade ideal que os meninos devem percorrer. Os brinquedos e as vestimentas não são responsáveis apenas por legitimar comportamentos a serem desempenhados pelos meninos, mas também por vincular compulsoriamente a masculinidade dos meninos à heterossexualidade (Bello; Felipe, 2010).

A arma, seja ela mimetizada ou feita de material muito próximo de armas reais (nas figuras 2 e 3), é mais que a representação de uma arma acionada no jogo simbólico pelos meninos, por exemplo, mesmo que este acionamento não esteja isento de pedagogias e currículos de gênero. Nestes enquadramentos imagéticos que relacionam a masculinidade, a infância e o artefato arma, é possível perceber o redimensionamento neoconservador da representação do armamento como uma extensão metafórica de uma masculinidade de lógica bolsonarista, em que existe uma constante manutenção de uma

virilidade política, como a apontada por Seffner (2020), que deposita no armamento e na flexibilização de seu acesso a manutenção do poder da masculinidade.

**FIGURA 2:** Imagem compartilhada por Ricardo Barros (2019)



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Bu--nA\\_Bx/?igsh=dXVqdmFpMHRvNWI](https://www.instagram.com/p/Bu--nA_Bx/?igsh=dXVqdmFpMHRvNWI)

**FIGURA 3:** Bolsonaro carrega menino armado nas costas durante evento (2021)



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/10/onu-diz-que-bolsonaro-deveria-ser-punido-por-usar-criancas-fardadas-em-eventos.shtml>

As figuras 2 e 3 trazem meninos portando réplicas fidedignas de modelos reais de armas. A figura 2 foi postada pelo então deputado Ricardo Barros, ligado ao então governo Bolsonaro, e a intencionalidade da postagem desta imagem no perfil do

Instagram (que não apresenta fonte nem registro de autoria) foi a de se “indignar” com o atentado em uma escola na cidade de Suzano, interior de São Paulo, que deixou oito pessoas mortas. O post do dia 14 de março de 2019, um dia após o fatídico atentado à escola, tem como legenda: “O Brasil vive uma nova ordem. Para o bem ou para o mal”.

Na referida imagem, dois dos três meninos usam uma camiseta com a estampa do rosto do então candidato à presidência do Brasil, e dois deles portam armas, enquanto um apenas olha para a câmera. Este enquadramento é provocativo, pois a figura de Bolsonaro irrompe da moldura como um aval para que esta foto e posturas com/pelas armas fossem possibilitadas.

A vetorização simbólica da arma e a relação com scripts bolsonaristas também se estende à figura 3. No evento de “comemoração” de 1000 dias de governo de Bolsonaro em Belo Horizonte (31/09/2021), um menino fardado e portando a réplica de um fuzil foi convidado a subir ao palco e demonstrar sua força através de flexões, continências e do manuseio do fuzil. Na ocasião, Bolsonaro elogiou o menino e também a sua família pelo “exemplo” de patriotismo demonstrado. Bolsonaro então discursou:

Eu tô com quase 70 anos. Quando era pequeno eu brincava com isso, com arma, com flecha, com estilingue. Assim foi criada a minha geração e crescemos homens sadios e fortes e respeitadores. Meu cumprimento aos pais desse garoto por estarem prestando exemplo aqui de civilidade, de patriotismo e de respeito...<sup>3</sup>

Bolsonaro foi denunciado ao Comitê da Organização das Nações Unidas (ONU) dos Direitos da Criança, e mais de 80 entidades de Direitos Humanos acreditavam que ele deveria ser punido por usar crianças fardadas em seus eventos para promover uma agenda político-ideológica, pois suas condutas violavam compromissos internacionais firmados sobre a garantia dos direitos das crianças.

O discurso endereçado à família do garoto fardado e aos e às convidados e convidadas presentes no evento destaca pontos importantes do delineamento das masculinidades ao longo da infância e das pedagogias que viabilizam a instituição desses scripts. Novamente, a hipervalorização da arma e a potencialidade constitutiva são aspectos enfatizados pela lógica neoconservadora bolsonarista. Há, declaradamente, uma ideologia falocrática que atravessa essa lógica. Trevisan (2021) identifica que, nesta

<sup>3</sup> Ver em: <https://www.poder360.com.br/justica/pgr-recebe-acao-contra-bolsonaro-por-promover-armas-ao-lado-de-criancas/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

ideologia, a fantasia fálica é de que a arma representa o pênis que, por consequência, é o sinal de força e honra do homem.

Em decorrência disso, para Trevisan (2019), a faceta violenta e armamentista é naturalizada no cerne político e passa a ser encarada como uma qualidade essencial da expressão viril, acoplada desde muito cedo ao “gestual beligerante, palavras de ordem grosseiras, ameaças aos discordantes e uso generalizado da intimidação psicológica, com *modus operandi* importado da disciplina militar e religiosa” (Trevisan, 2021, p. 314). Ao projetar nos meninos a possibilidade de um elemento de continuidade na construção de uma masculinidade centrada em valores morais e alinhada a princípios neoconservadores bolsonaristas, intensificam-se as pedagogias de masculinidades infantis, associando o armamento como algo intrínseco ao menino e ao homem.

Michele Corrêa (2019), ao analisar os scripts de gênero na Educação Infantil, reflete que os currículos de masculinidades e os sentidos evocados e atribuídos aos usos de armas pelos meninos estão arquitetados a partir de panoramas misóginos, violentos e rígidos. Para a autora, os meninos são desafiados e, de certa forma, pressionados a expressarem predicados como coragem, agilidade e força, e “necessitam demonstrar aversão a tudo o que se aproxime da feminilidade (misoginia) ou de quaisquer comportamentos que julguem ser próprios da homossexualidade” (Corrêa, 2019, p. 80).

As discursividades falocêntricas que endossam noções de masculinidades que compõem as enunciações neoconservadoras bolsonaristas educam modos de ser, de estar e de se pensar. A construção das masculinidades dos meninos, as pedagogias e currículos parecem “depender da arma como um componente simbólico que viria a redimir qualquer sentimento de impotência diante do mundo social visto como ameaçador” (José Fernando Costa, 2021, p. 5). Neste ponto, a arma, a qual tem uma única finalidade – matar – se caracteriza como item compulsório na composição da masculinidade dos meninos, haja vista que os pressupostos armamentistas desde a infância têm a intenção de incorporar na subjetividade dos meninos este elemento e tudo o que ele representa.

O delineamento das masculinidades na infância nos artefatos imagéticos mapeados, em que a arma é um elemento recorrente, aponta para discursividades marcadas por superlativações de sentidos e símbolos que endossam a força, a autoridade e a violência. Esses são nada menos que scripts de gênero acionados por pedagogias neoconservadoras bolsonaristas, que não são exigidas apenas para homens adultos, mas também para os meninos que, com pouca idade, são assujeitados a incorporar e desempenhar esses ideais em suas performances de masculinidade.

Bello e Felipe (2010) destacam a ardilosa e silenciosa atribuição de significados que são postos aos meninos e homens, cuja estratégia inclui o argumento da natureza, isto é, biológico, o qual parece justificar qualquer conduta, especialmente a disparidade e desigualdade entre homens e mulheres. Quando se trata dos meninos, essas justificativas ganham ressonância, principalmente ao levar-se em conta a ideologia política neoconservadora bolsonarista, que se ancora em discursos cis-heteronormativos e antigênero, os quais recusam (e desqualificam) as dissidências e as possibilidades que habitam fora das normas.

Ao articular os enquadramentos de masculinidades infantis em contextos neoconservadores bolsonaristas no contexto armamentista, intenta-se deslocar os olhares para o que está sendo enquadrado, a fim de tensionar “as diferentes maneiras de esculpir seletivamente a experiência como algo essencial à condução da guerra” (Butler, 2015, p. 47). Ao aproximar o neoconservadorismo da noção de enquadramento, chega-se à percepção de como a constituição e o delineamento de uma masculinidade infantil devidamente armada e violenta, respectivamente alinhada às prerrogativas pedagógicas de uma masculinidade bolsonarista, ganham força no contexto atual.

### **Considerações finais**

O tensionamento das discursividades armamentistas de masculinidades e de suas intersecções com as infâncias possibilita entender a operação e difusão rizomática do neoconservadorismo e de suas pedagogias em diferentes esferas sociais. Os significados, sentidos, representações, scripts, currículos e pedagogias de masculinidades mobilizados sob vieses armamentistas educam os corpos infantis a partir de estratégicos investimentos discursivos e materiais, como a arma, elemento que assume outra funcionalidade neste cenário: a arma não é mais um brinquedo que habita o imaginário e o jogo simbólico dos meninos, mas sim um elemento crucial para a constituição de suas masculinidades e também de suas sexualidades.

Ainda, os enquadramentos imagéticos derivados de nuances neoconservadoras, que envolvem os scripts de gênero, sexualidade e infâncias, também são convidativos a um exercício reflexivo acerca das ofensivas antigênero que defendem, paradoxalmente, as premissas de cuidado e proteção das infâncias da fantasiosa “ideologia de gênero” e de suas “doutrinações”, assim como dos discursos “pró-família”. A insustentabilidade dessas tentativas de afastar questões de gênero e sexualidade da grande arena política e de outras

arenas é nada menos que uma estratégia neoconservadora de, justamente, generificar e sexualizar subjetividades a partir de matrizes universais nutridas por preceitos fundamentalistas e armamentistas disfarçados de moralidade.

Por fim, o convite a olhar para pedagogias de gênero e suas infinitas intersecções e produções discursivas não se limita a este espaço-tempo neoconservador, e muito menos aos atores e protagonistas citados como mote das discursividades aqui postas em uma atitude analítica, visto que, mesmo sem a figura de Bolsonaro no poder e diante do gradativo apagamento de figuras bolsonaristas de cargos políticos, ainda vivemos em um contexto neoconservador. Estar atentos e atentas às estratégias pedagógicas é e será uma alternativa de resistência aos processos de subjetivação de base neoconservadora e reacionária.

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. *Educação UFSM*, v. 35, n. 01, p. 39-52, 2010.

BELLO, Alexandre; FELIPE, Jane. Delineando masculinidades desde a infância. *Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 12, n. 2, 2010.

BORTOLINI, Alexandre. Militarização das escolas e avanço reacionário: Uma perspectiva de gênero. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. 2, p. 92-119, 2021.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORRÊA, Michele Lopes Leguiça. “Atira no coração dela”: corpos e scripts de gênero na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande de Sul, Porto Alegre, 2019.

COSTA, José Fernando Andrade. Quem é o “cidadão de bem”? *Psicologia USP*, v. 32, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, p. 171-188, 2002.



FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca. Rompendo com os scripts de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla.; GUIZZO, Bianca (orgs.). *Educação em um mundo em tensão*. Canoas: Ulbra, 2017, P. 219-228.

FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana. (Orgs.). *Para pensar a docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-71.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, Jéssica Tairâne de; FELIPE, Jane. Scripts de gênero e as performances das crianças que reverberam no contexto da Educação Infantil. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 14, n. 3, p. e132192, 2024.

PROUT, Alan; JAMES, Allison. “A new paradigm for the sociology of childhood? Provenance, promise and problems”. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan (eds). *Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood*. Basingstoke: Falmer Press, 1990, p. 7–33.

RAMOS, Edimauro. *Pedagogias das masculinidades infantis em enunciações neoconservadoras*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba: UFPR, 2024.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, Maria Aparecida Silva(org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 11-46.

SEFFNER, Fernando. Não há nada tão raro quanto o normal: o homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane (orgs.). *Educação, Gênero e Sexualidade: (im)pertinências*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2022. p. 234-267.

SIERRA, Jamil Cabral. Identidade e diversidade no contexto brasileiro: uma análise da parceria entre Estado e movimentos sociais LGBT de 2002 a 2015. *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 26, p. 1-14, 2019.

SCHURSTER, Karl; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. A novilíngua autoritária e o papel dos militares na nova república. O caso do “Projeto de Nação”. In:

SCHURSTER, Karl; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira (orgs.). *A República sitiada: militares e bolsonarismo no Brasil*. Recife, PE: Edupe, 2022. p. 17-72.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.